

The background of the page is a photograph of a sunset or sunrise. The sun is low on the horizon, creating a bright glow and casting long, soft shadows. The sky is a mix of light blue and orange. In the foreground, there is a dark silhouette of a forest or trees.

Nós
somos
porque
somamos

Cláudia Gomes Cruz

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CAP/A

Nós somos porque somamos [vídeo] / produzido por Cláudia Gomes Cruz;
colaboração de Mônica Regina Ferreira Lins. –2020.

1 arquivo digital de vídeo (34min53s).

Modo de acesso: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/584778>

Produto originado da dissertação do PPGEB.

ISBN: 978-65-88405-03-1.

1. Negras. 2. Educação. 3. Relações raciais. I. Cruz, Cláudia Gomes. II.
Lins, Mônica Regina Ferreira. III. Título.

CDU 376.74(=414)

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação.

Assinatura

Data

ROTEIRO DIDÁTICO DO AUDIOVISUAL NÓS SOMOS PORQUE SOMAMOS



Por Cláudia Gomes Cruz

Orientação/Colaboração: Prof. Dr^a. Mônica Regina Ferreira Lins

O audiovisual “Nós somos porque somamos!” integra a pesquisa “Trajetórias de vida de mulheres negras e suas colaborações para (re)Educação das relações étnico-raciais” vinculada ao Programa de Pós-Graduação de Ensino de Educação Básica (PPGEB) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) de autoria de Cláudia Gomes Cruz sob a orientação da Prof^a Dra. Mônica Regina Ferreira Lins.

O objetivo geral da pesquisa consiste em fomentar, a partir de trajetórias de vida de mulheres negras cientes da pauta racial, reflexões e intervenções de profissionais da educação no que tange à (re)educação das relações étnico-raciais na perspectiva de equidade, corroborando para o combate de práticas racistas, preconceituosas e discriminatórias no cotidiano escolar, quiçá em outros cotidianos. Para tanto, foram entrevistadas três mulheres que se autodefinem negras e destacam a importância da luta antirracista.

Por se tratar de uma pesquisa que aborda trajetórias de vidas de mulheres negras recorreremos à metodologia História de Vida, por considerarmos a mais pertinente neste caso, visto a inseparabilidade entre trajetórias de vida e histórias de vida. Sendo assim, além da dissertação, o audiovisual visa colaborar no alcance do objetivo proposto ao apresentar as trajetórias das mulheres negras por elas mesmas. Ademais, a proposta é que este produto integre

o Curso de Extensão a ser idealizado e desenvolvido pelo GPMC/GEPEJI/UERJ¹ para profissionais da educação, sabendo que por se tratar de um audiovisual pode ser um meio de maior visibilidade para abarcar mais indivíduos interessados na luta antirracista. Portanto, o curso em tela não é o fim deste material, ele poderá ser utilizado em outros ambientes escolares com objetivos preestabelecidos. A fim de ampliar o entendimento acerca da proposta apresentaremos as fases do produto, a saber: planejamento, execução e finalização.

PLANEJAMENTO:

A entrevista foi planejada visando conhecer as trajetórias de vida de Renata da Conceição Vergilho de Paula (Estimuladora Materno-Infantil), Mônica da Silva Gomes (Técnica em Assuntos Educacionais e Professora Inspectora Escolar) e Edna Olímpia Cunha (Professora)² perpassando pelas trajetórias de escolarização, bem como as reflexões e visões de mundo fruto das experiências das três. Portanto, as questões foram formuladas a fim de atender esta expectativa. Eis as questões:

1. Apresentação das mulheres por elas mesmas.

- Fale um pouco sobre a sua origem, sobre você: seu nome, onde nasceu, onde foi criada, sobre seus pais, a formação deles e a sua também.

2. Escola

- O que a escola representa para você?

3. Trajetória Escolar

Fale um pouco do seu trajeto escolar. Teve obstáculos na sua trajetória de escolarização (de ordem financeira, social ou qualquer outra)?

4. Trajeto Escolar x Racismo

- Durante seu trajeto escolar, você foi alvo de comentários agressivos ou constrangedores em virtude da sua cor de pele, do seu fenótipo ou cabelo?

¹ Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturas / Grupo de Estudos em Práticas Educativas, Juventudes e Infâncias/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro

² O detalhamento do processo de escolha das mulheres negras consta na dissertação.

- Quando criança/adolescente, muitas vezes, projetamos o que gostaríamos de ser. Você sempre pensou em atuar na área da educação?

5. Estereótipos

RENATA - Em uma das inúmeras falas potentes da Lélia Gonzalez ela diz: “Sou negra e mulher, isso não significa que sou a mulata gostosa, a doméstica escrava ou a mãe preta de bom coração”. O que ela estava querendo dizer, acredito eu, é que nós não somos somente isso. E você deixou escapar bem rapidamente que já foi passista. Conta mais sobre esta experiência e a sua percepção sobre o olhar das pessoas em relação a você. Existiu alguma situação de resumirem você a apenas isso. Ou a uma das outras opções?

MÔNICA - Em uma das inúmeras falas potentes da Lélia Gonzalez ela diz: “Sou negra e mulher, isso não significa que sou a mulata gostosa, a doméstica escrava ou a mãe preta de bom coração”. O que ela estava querendo dizer, acredito eu, é que nós não somos somente isso. E você comentou que foi empregada doméstica. Conta mais sobre esta experiência e a sua percepção sobre o olhar das pessoas em relação a você. Existiu alguma situação de resumirem você a apenas isso. Ou a uma das outras opções?

EDNA - Em uma das inúmeras falas potentes da Lélia Gonzalez ela diz: “Sou negra e mulher, isso não significa que sou a mulata gostosa, a doméstica escrava ou a mãe preta de bom coração”. O que ela estava querendo dizer, acredito eu, é que nós não somos somente isso. Existiu alguma situação de resumirem você a apenas isso. Ou a uma das outras opções?

6. Trajetória Profissional

- Fale um pouco sobre a sua trajetória profissional.

7. Trajetória Profissional x Racismo

- Você recorda de situações vivenciadas de preconceito e discriminação no espaço escolar que atua ou atuou? (Com você ou com os alunos)

8. O Racismo no dia a dia

- Fora do contexto escolar já foi vítima de preconceito e discriminação? Recorda de algum caso marcante?

- O olhar do outro em busca de um modelo branco (em alguma fase da sua vida), já fez com que você não se sentisse bela?

9. Escolarização x Ascensão Social

- A escolarização possibilitou que você ascendesse socialmente (ainda que minimamente)?

- Você considera que a escolarização é a única via para ascensão social? Por quê?

- A escolarização foi uma das responsáveis por ampliar suas reflexões sobre a questão racial?

- Você teve incentivos de outros sujeitos na sua trajetória de escolarização e na ampliação das reflexões sobre a questão racial (dentro ou fora do ambiente escolar)?

- Você acredita que um (a) negro (a) que tenha ou adquiriu um poder aquisitivo considerável deixa de sofrer os impactos do racismo? Por quê?

- Você considera relevante hierarquizar saberes? Saberes acadêmicos e saberes advindos de experiências e vivências, por exemplo.

10. O Racismo e a reeducação das relações étnico-raciais.

- Você considera que é função da escola discutir questões de cunho racial? Por quê?

- Quais contribuições considera que a temática racial traz para a educação das relações?

- Você se considera uma mulher empoderada, no sentido de se reconhecer negra e reconhecer a importância da pauta étnico-racial?

- Sua consciência sobre a questão racial já motivou outras mulheres negras, alunos e alunas a terem autoestima e buscar mais conhecimento? Recorda de alguma vivência marcante?

- O que é ser negra no Brasil?

- Que mensagem a frase “Uma sobe e puxa a outra” lhe transmite?

EXECUÇÃO:

Ao refletir sobre as filmagens propriamente ditas, optamos para que estas não ocorressem nos locais de trabalho das mulheres por entender que demandariam tempo e que isso poderia gerar constrangimento de alguma forma. Portanto, optamos por um local neutro. As entrevistas de Mônica e Renata ocorreram no mesmo dia, em uma sala de leitura e a entrevista de Edna na casa da própria e em data diferente em virtude das demandas de trabalho. Todas as perguntas planejadas foram feitas e respondidas, além de algumas que surgiram, bem como colocações que as mulheres entrevistadas consideraram pertinentes pontuar. Elas falaram não só verbalmente, pois expressaram suas trajetórias e vivências mediante gestos, olhares, trejeitos, entonação, emoção, enfim, através da particularidade de cada uma. As entrevistas de cada uma duraram aproximadamente 1h e 20 minutos, totalizando, aproximadamente 4 horas de material bruto. As gravações foram realizadas pela mestrandia, com um aparelho celular e sem suporte de terceiros.

FINALIZAÇÃO:

O material bruto precisou ser editado em virtude do tamanho, mas procuramos não perder de vista o objetivo, sendo assim, foi compactado, de maneira que sobressaíssem os relatos das profissionais da educação sobre as trajetórias de vida, fazendo costuras com a trajetória de escolarização e os impactos dessas vivências nelas, em outras pessoas e nas visões de mundo que englobam a questão racial e a função da escola, dentre outras. O audiovisual possui aproximadamente 35 (trinta e cinco) minutos de duração.

O presente roteiro foi construído para relatar de forma sucinta o caminho de construção do audiovisual, bem como para suscitar o interesse na apreciação do material que acreditamos ser de grande valia para luta antirracista. Desta forma, para finalizar este documento consideramos pertinente o encerrarmos com um convite.

CONVITE

Convidamos todxs para apreciarem o audiovisual

Nós Somos Porque Somamos!

Este é o meu olhar acerca das mulheres negras entrevistadas. Assista o audiovisual e compartilhe o seu, reflita sobre as contribuições dessas mulheres e abrace a luta antirracista.

Renata

Renata é estimuladora materno-infantil
Que se intitula pertencente da tradicional família
preta do Brasil
Por conta das constantes tentativas da branquitude
em estereotipar,
Pessoas e famílias pretas, predefinindo os lugares
que podem ocupar.

Durante seu trajeto na escola
Foi alvo de apelidos relacionados a cor de sua pele
Contudo, não os internalizou.
A autoestima ajudou.

Dona de uma autoestima estimulante,
Ela que brinca ser a última paleta do tom de cor,
Considera que para ser negro no Brasil
É necessário ser da sua cor.

Mesmo julgando a prática do racismo óbvia,
Demonstra preocupação com a negritude e parte da
população,
Pois acredita que o colorismo confunde,
Fazendo com que muitos não reconheçam o
racismo e sua amplitude.

Não se considerava inatingível em relação as
ofensas na escola,
Mas entendia que eram mais sobre quem as proferia
do que sobre ela
A despeito disso tudo, destaca que criava
tendências,
Inovando modelitos e penteados diferentes dos
padrões predeterminados.

Maria, além de mãe, é o seu maior exemplo,
Sua grande incentivadora.
Tem grande influência no seu pensar e portar
Diante da sociedade que aí está.

Gosta de usar salto quinze,
Dar nome ao samba,
De preparar o cozido,
Mas entende que vai além disso.

Entende que mulheres negras
São constantemente estereotipadas
E que tais banalidades
Não traduzem a extensão de suas habilidades.

Cita a vivência enquanto passista:
Uma experiência que traz boas recordações e
também reflexões,
Porque muitas vezes ao defender a agremiação,
Foi vítima de objetificação.

Cita também, experiências exercendo sua função na
área da Educação,
Relembra dos olhares e falas depreciativas acerca
de seu turbante e fio de conta,
Dos livros sobre a cultura africana, proibidos de
serem utilizados,
Que denotam que a diversidade e a laicidade do
Estado, muitas vezes, são direitos violados.

Renata não é uma heroína
E também não é uma vítima
Mas algumas percepções podemos ter: é irreverente
e segura para valer!
Renata é quem ela quiser ser, podes crer!

Edna

Edna é professora
Também é encantadora
Seu amor pela profissão
Nos enche de emoção.

Tal amor nasceu,
Cresceu e floresceu
Em virtude da admiração
Pelos professores que nunca escondeu.

Durante a infância
Ouviu críticas em relação ao cabelo
No ambiente escolar e familiar,
Pois construções sociais não escolhem lugar.

Construções que precisam mudar
A fim de mostrar
Que a beleza negra tem seu lugar
Independentemente do cabelo que usar.

Os pais sempre a incentivaram
Vê-la formada sempre desejaram.
O grau de estudo que não atingiram
Edson e Amara, através da filha concluíram.

Durante a graduação para dar conta das demandas
Fez da biblioteca sua aliada
E da máquina Olivetti dada pela mãe
Sua companheira de caminhada.

Lá também ampliou a percepção
Sobre a desigualdade de raça e classe
Quando constatou que muitos como ela,
Negros e pobres, advindos da periferia, não
tiveram a mesma sorte.

Graduada em Letras e Mestre em Educação
Sua trajetória de escolarização segue em ação.
Na UEKJ, instituição que defende com todo
entusiasmo,
Cursa o Doutorado onde vem ampliando seu
aprendizado.

Seu percurso é de luta,
Leciona para o Ensino Fundamental
E a modalidade de Educação de Jovens e Adultos
Onde semeia e colhe frutos.

Na escola que se encontra lotada
Desenvolve o Projeto Em Caxias a filosofia encaixa
Que proporciona aos professores e alunos
Trocadas de experiências e saberes profundos.

Entende a escola como lugar de resistência,
Pois além de conteúdos impacta nossa existência.
Já em relação ao estudar
Considera um modo de vida espetacular.

Edna não é uma heroína
E também não é uma vítima
Mas algumas percepções podemos ter: é apaixonada
pela educação e pelo saber que nos faz crescer!
Edna é quem ela quiser ser, podes crer!

Mônica

Mônica é técnica em assuntos educacionais
Também professora inspetora escolar.
É mulher que se fez forte
Para o mundo enfrentar.

Ingressou na escola aos dez anos de idade
Porque não teve outra oportunidade.
Seu esforço foi tremendo,
Pois se sentia defasada e perdendo.

A escola, foi para ela, lugar de acolhimento
Porque lá recebia alimento.
Alimento do corpo e da esperança
O que lhe trazia conforto e bonança.

A escola, também foi, lugar de enfrentamento
Onde a cor da pele e o cabelo foram,
Muitas vezes, alvo de estupidéz
Precisando combater com intrepidez.

Falar de sua infância lhe causa dor,
Apesar de ser consolador
O fato de ter superado
Tantos obstáculos deste mundo desolador.

De acordo com Mônica
Algumas lembranças
Apagou da memória
Para não precisar reviver certas histórias.

Atuou como empregada doméstica,
Operadora de telemarketing, recreadora e
monitora.
Atuou no Projeto Afroscendente
E lá incentivou e ganhou amigos que considera
parentes.

Esteve em contato com mulheres negras
impactantes
Uma delas Andrea, enquanto estudantes.
O contato virou relação de sororidade e
dororidade
O que as fez criar laços de irmandade que
possivelmente atravessará a eternidade.

Durante sua trajetória
Sentiu na pele o racismo desta sociedade
Que reduz histórias como a sua à superação
Tapando os olhos para opressão.

Ser forte foi o que lhe restou
Estudar, aprender e reaprender também gostou
Por isso, a mestra pensa em voltar a estudar
Seguindo seu caminhar.

Mônica não é uma heroína
E também não é uma vítima.
Mas algumas percepções podemos ter: é insistente,
dedicada e ousada para valer!
Mônica é quem ela quiser ser, podes crer!

Contamos com sua presença nessa luta!

Cláudia Gomes Cruz

FICHA TÉCNICA

Idealização: Cláudia Gomes Cruz e Mônica Regina Ferreira Lins

Entrevistadora: Cláudia Gomes Cruz

Entrevistadas: Edna Olímpia da Cunha, Mônica da Silva Gomes e Renata Conceição Verrgilio de Paula

Edição: Davi Amen

Música: Mulheres Negras

Vídeo: A história da escravidão (A cor da cultura) – Fonte: Portal Domínio Público. Disponível na íntegra em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/video/me004830.mp4>

AGRADECIMENTOS

Ao PPGEB;

Às mulheres Edna, Mônica e Renata pela disponibilidade e generosidade;

Ao Prof. Dr. Valter Filé pelas orientações sobre a filmagem com o celular;

Ao Editor Davi Amen pelo trabalho realizado;

À Yzalú e sua assessora Camila que autorizou o uso da música Mulheres Negras neste trabalho.

NOTAS

1. A imagem dos alunos que aparecem na filmagem junto à Professora Edna é autorizada pelos responsáveis, segundo a mesma, em virtude do Projeto Em Caxias a filosofia encaixa, desenvolvido na U.E que a docente está lotada.
2. O audiovisual “Nós somos porque somamos” foi produzido para fins educacionais, exclusivamente, e é agraciado pela música Mulheres Negras, gentilmente cedida para abrilhantá-lo. Desta forma, não deve ser reproduzido sem que seja para fins acadêmicos, igualmente não lucrativos, na expectativa de respeitar os direitos autorais da profissional em tela e resguardar seu objetivo que está intimamente ligado a fins educacionais.